

C.08

A Amazônia antes do Brasil

A arqueologia se vale de vestígios materiais de antigas ocupações humanas e das marcas que deixaram na paisagem para reconstituir a história indígena pré-colombiana

Da viagem que fez descendo o rio Amazonas, em 1541, a bordo de um navio comandado pelo espanhol Francisco de Orellana, frei Gaspar de Carvajal deixou um relato que por séculos tem instigado a imaginação das pessoas. Ele contou que teriam se deparado com uma tribo de mulheres guerreiras e sem maridos. Viviam no meio da floresta e só aceitavam homens com o objetivo de procriar. Depois elas os matavam, ou os mandavam embora com os filhos homens, pois criavam só as mulheres. Essa narrativa eventualmente inspirou, no século 16, o batismo do grande rio, que ficou conhecido como rio das Amazonas.

Sabemos, entretanto, que essa é uma lenda grega, que se ouvia na Europa muito antes de os reis ibéricos aventurarem suas caravelas em direção às Américas. Na Europa das grandes navegações, eram comuns histórias fantásticas sobre povos exóticos e primitivos vivendo além-

mar. Logo, os bravos homens que enfrentavam perigos ao singrarem mares desconhecidos, e penetrarem florestas nas quais nenhum europeu tinha antes pisado, levavam consigo expectativas sobre aquilo que encontrariam. Ao conhecerem índios que não usavam roupas, dado o calor dos trópicos, viram confirmar suas suspeitas sobre a existência de povos selvagens.

O eurocentrismo – a perspectiva de que os europeus eram civilizados e os demais povos bárbaros – serviu, no seu tempo, à dominação das populações nativas, pois a crença na inferioridade dos nativos convertia-se em justificativa para o domínio do imenso território americano. E desculpava o genocídio que se seguiu por causa da escravidão, guerras e proliferação de doenças para as quais os nativos não tinham defesas. Mas não apenas os espanhóis e portugueses fantasiaram o encontro com o outro. Até hoje, nosso imaginário ocidental encontra-se to-



talmênto povoado por visões estereotipadas sobre os povos amazônicos e seu modo de vida na floresta tropical.

A história indígena pré-colombiana pouco pode se beneficiar dos relatos de viajantes do período colonial, pois, se os primeiros eram preconceituosos, os viajantes mais preparados do século 17 já vão encontrar cenários totalmente diferentes por causa da dizimação de populações inteiras, ou sua retração para os altos cursos dos rios, ao fugirem do contato com o colonizador. Por isso a arqueologia – que se vale dos vestígios materiais de antigas ocupações humanas e das transformações que elas deixaram na paisagem – é a única fonte de informações que nos permite reconstituir essa história.

Com o intuito de fazer um passeio pela Amazô-



nia que existia antes de ela se tornar também Brasil, e para educar nosso olhar sobre a experiência humana na floresta tropical, este artigo descreve um panorama sobre o passado amazônico descoberto por arqueólogos, contribuindo, dessa forma, para que o leitor possa formar outra imagem sobre a vida na região nos últimos 10 mil anos.

Os Primeiros Habitantes?

Os primeiros grupos humanos que adentraram a Amazônia o fizeram há 11 mil e 200 anos. Portanto, ao mesmo tempo em que outras populações ameríndias se aventuravam de norte a sul do continente. Diferentemente dos grupos de caçadores e coletores que na América do Norte se dedicavam a perseguir animais de grande porte, a dieta dos caçadores tropicais consistia em

Caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre (AM), serviu de refúgio para populações paleoíndias por mais de 1.200 anos, a partir de 11.200 antes do presente. Esses grupos humanos, que viveram dos frutos da coleta na floresta e na várzea, produziram artefatos diversos e pintaram as paredes da caverna com belas figuras de humanos e animais. Ao lado, uma tanga de cerâmica usada por mulheres Marajoaras



© DENISE SCHAAN

Durante centenas de anos, várzeas e terraços que acompanham o rio Amazonas e seus principais tributários foram ocupados por cacicados, sociedades governadas por chefes regionais. Os primeiros cacicados surgiram na ilha de Marajó. A nobreza local sepultava os mortos em urnas decoradas com emblemas de sua linhagem

pequenos animais, de frutos e de castanhas, obtidos por meio da caça e da coleta. Na literatura arqueológica esse período é chamado de paleoíndio. Vestígios arqueológicos dessas populações foram encontrados na serra dos Carajás (sul do Pará) e em Monte Alegre (baixo Amazonas).

A arqueóloga americana Anna Roosevelt e seus colegas mostraram que as populações que periodicamente visitaram e viveram na caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre, por mais de 1.200 anos (de 11.200 a 9.800 anos AP – antes do presente), produziram e utilizaram artefatos feitos de rocha, como raspadores e facas; pintaram as paredes da caverna com belas figuras humanas e de animais; viveram da coleta de produtos da floresta e da várzea. Segundo Roosevelt, as pinturas, existentes também em diversos paredões de rocha nas imediações, e retratando ainda motivos celestes e marcas de mãos, tinham como motivação a necessidade de demarcar e defender territórios.

Horticultores da Floresta

O capítulo da história amazônica reservado aos horticultores da floresta tropical é o que menos se conhece. Supõe-se, a partir de evidências botânicas e lingüísticas, que o cultivo da mandioca amarga tenha começado por volta de 5 mil

anos AP, na região do alto rio Madeira, estado de Rondônia, como a culminância de um longo processo de manejo de recursos botânicos, iniciado muito antes. Práticas de manejo bem documentadas entre populações indígenas do século 20 parecem vir de longa data, e sabe-se que a domesticação de plantas é um processo demorado, que demanda muitas gerações. Na Amazônia, um desenvolvimento completo da agricultura como modo de subsistência predominante nunca veio a se realizar. A cultura da mandioca, como fonte básica de carboidratos, parece ter sempre coexistido com a pesca e a caça de animais pequenos, que forneceriam, juntamente com a coleta de frutos de palmeiras (como o açaí), pupunha e castanhas, a proteína necessária para a sobrevivência humana.

As sociedades do período formativo amazônico eram provavelmente compostas por pequenas aldeias, de duas a quatro casas, e mesmo por casas isoladas, com populações variáveis entre 40 e 300 pessoas, localizadas próximo a fontes permanentes de água, mas nem sempre junto a um rio principal navegável. Aldeias encontradas no sul do Pará, na região de Carajás, por pesquisadores do Museu Goeldi, de Belém, têm sido interpretadas como ocupações de grupos tupi-guarani que ali viveram a partir do pri-

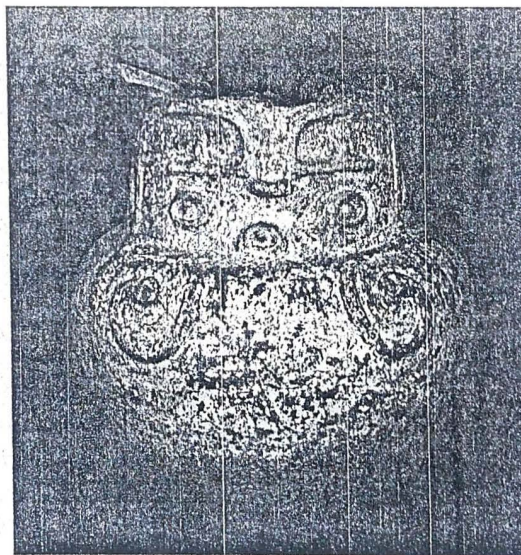


© JOÃO RAMID

meiro milênio. Já a 100 km ao sul da cidade de Santarém, na margem esquerda do rio Tapajós, aldeias de horticultores ceramistas foram datadas pela arqueóloga Denise Gomes entre 3.800 e 3.600 anos AP. Uma ocupação do formativo (4 mil a 2 mil anos AP) foi também detectada por Anna Roosevelt na caverna da Pedra Pintada, que a relacionou à disseminação de cerâmica e horticultura de mandioca.

Ascensão dos Caciques

No início da Era Cristã, ocorre um aumento populacional na região, o que percebemos pelo incremento em número, área e complexidade dos sítios. Identifica-se em vários locais a formação de terra preta arqueológica (TPA), associada a montes artificiais, sepultamentos em urnas de cerâmica, fogueiras e grandes quantidades de fragmentos de vasilhas decoradas. A terra preta se forma através da degradação de matéria orgânica relacionada à presença de populações humanas e suas atividades de descarte. Estudos em sítios com TPA na Amazônia têm demonstrado que esses solos concentram elementos químicos como fósforo, cálcio, manganês, zinco e magnésio em valores bastante altos em relação aos solos originais, além de possuírem pH elevado e altas concentrações de matéria orgânica, o que os



© JOÃO RAMID

torna especialmente férteis. A pesquisadora Dirse Kern, do Museu Goeldi, propôs que os altos valores de fósforo, cálcio e manganês nas terras pretas podem ser atribuídos aos resíduos de origem animal (ossos, conchas, sangue, conchas de moluscos, fezes), enquanto que resíduos de origem vegetal (palmeiras usadas na cobertura e paredes de casas, na confecção de camas, redes, balaios, cestos, esteiras para dormir ou sentar) adicionariam ao solo elementos como zinco e magnésio.

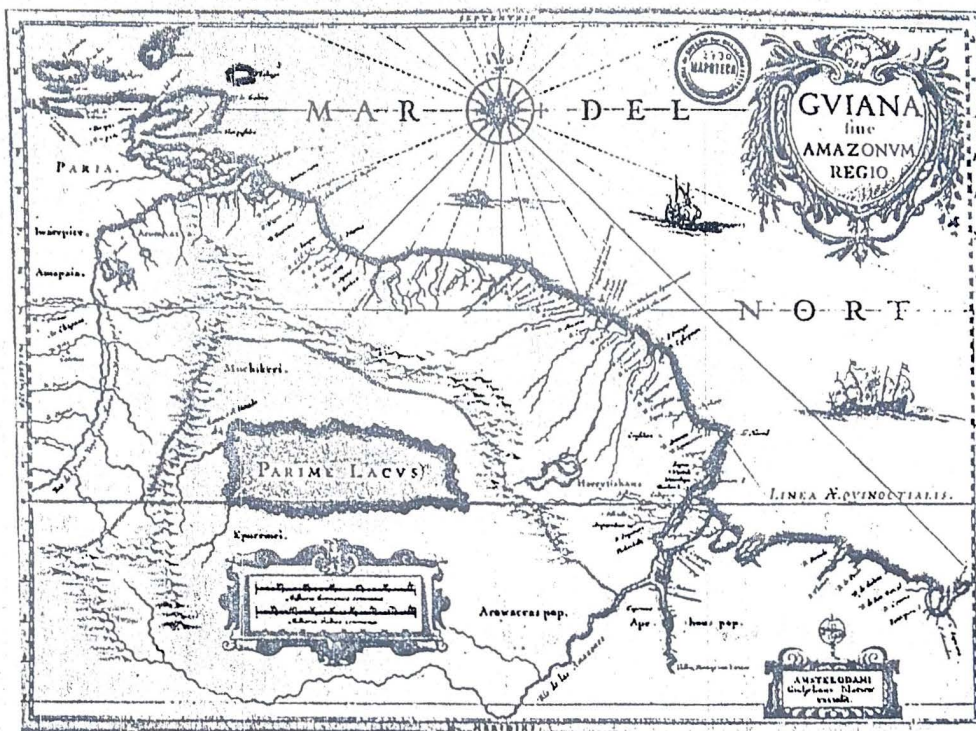


© JOÃO RAMID

Além das urnas funerárias, os marajoaras produziam vários outros artefatos de cerâmica, a exemplo das estatuetas rituais (acima). As escavações arqueológicas têm revelado muitas dessas peças, exemplares de uma das mais sofisticadas artes ceramistas das Américas. O colapso das sociedades marajoaras ocorreu por volta de 1350 d.C.: as causas do declínio ainda não são plenamente conhecidas

A adaptação de populações amazônicas a uma dieta rica em produtos aquáticos possibilitou a vida em aldeias no baixo Amazonas e na costa do Pará, onde há sambaquis em extensa região, que vai da ilha de São Luís, no Maranhão, até as proximidades da embocadura do rio Tapajós. Os sambaquis marcam os locais onde houve o primeiro ensaio de ocupação mais permanente de áreas ribeirinhas, que vai se realizar plenamente com os grandes cacicados da várzea

DAS SERRAS AO MAR



A Amazônia é rica em água, mas muita gente não se dá conta de que a região também tem mar. Da foz do rio Oiapoque, no Amapá, à baía de São Marcos, no Maranhão, são aproximadamente 1.500 km de litoral Atlântico, que compõem uma das maiores extensões contínuas de manguezais do planeta. Os manguezais amazônicos são ecossistemas extremamente ricos em biodiversidade, tendo sido ocupados há pelo menos 5.500 anos por populações que se dedicavam cotidianamente à pesca e à coleta de caranguejos e moluscos.

A adaptação de populações amazônicas a uma dieta rica em produtos aquáticos abundantes também possibilitou a vida em aldeias no baixo Amazonas, há 7 mil anos, assim como na costa do estado do Pará. Nesses locais são encontrados grandes montes de conchas misturadas à areia (os sambaquis), restos de fogueiras, esqueletos humanos, restos de alimentação (ossos de peixes e pequenos animais) e fragmentos de cerâmica. Em ambos os ambientes – mar e rio – percebe-se a existência de modos de vida sedentários bem antes da disseminação do cultivo de plantas.

Os estudos de sambaquis na Amazônia foram prejudicados pelo saque a tais depósitos desde o

final do século 19, na busca de conchas para a indústria de cal. Apesar disso, a pesquisa realizada no sambaqui da Taperinha, no baixo Amazonas, ao final da década de 80, por Anna Roosevelt, Maura Imazio da Silveira e outros pesquisadores, encontrou ainda cerca de 6 metros de depósitos intactos. Diversas amostras de carvão e conchas, assim como de cerâmica, coletadas nesse sítio foram datadas entre 7.600 e 7.335 anos AP, indicando que a cerâmica produzida na Taperinha era a mais antiga do continente. Apesar disso, a cerâmica não parece ter sido muito importante em Taperinha, onde foram encontrados também poucos instrumentos de rocha, entre eles percutores, lascas, moedores e pedras para cozinhar. Alguns instrumentos foram feitos de carapaças de moluscos e cascos de tartarugas, animais presentes também na alimentação, além dos peixes.

Os sambaquis amazônicos são encontrados em uma vasta região, que vai desde a ilha de São Luís, no Maranhão, até as proximidades da embocadura do rio Tapajós. Trata-se, sem dúvida, de um primeiro ensaio de ocupação mais permanente de áreas ribeirinhas, que vai se realizar plenamente só ao final do primeiro milênio da Era Cristã, com os grandes cacicados da várzea.

A criação das terras pretas parece ter sido um fenômeno não intencional, geralmente entendido como consequência do crescimento populacional (mais gente descartando maior quantidade de restos orgânicos). Entretanto, é provável ainda que o aparecimento das terras pretas esteja relacionado a uma mudança qualitativa nos padrões de subsistência. Uma explicação possível seria que a exploração intensiva da pesca, com maior descarte; tanto durante o consumo, quanto durante o processamento de peixe seco ou farinha de peixe para estocagem, teria provocado tais mudanças no solo.

Ao longo das várzeas e terraços que acompanham o rio Amazonas, e ao longo de seus principais tributários, como o rio Trombetas e o rio Tapajós, para falar das áreas mais conhecidas, grandes sítios de terras pretas guardam vestígios de centenas de anos de ocupação por sociedades com organização sociopolítica regional. São os chamados cacicados das várzeas, descritos como reinos pelos viajantes dos séculos 16 e 17, que os viram plenamente desenvolvidos. Sociedades estratificadas, governadas por chefes regionais que exerciam domínio político e simbólico em áreas que se estendiam por dezenas de quilômetros, em alguns casos.



Essas sociedades, a exemplo da chefatura dos Tapajós, distribuíam-se por regiões tão diversas ecologicamente como as savanas da ilha de Marajó e os platôs do Acre. Tendo surgido, a maior parte delas, ao final do primeiro milênio, conseguiram exercer influência até mesmo sobre povoações mais autônomas e afastadas. Os cacicados amazônicos mantinham redes de intercâmbio supra-regional, que integravam mercados onde se trocavam matérias-primas e produtos manufaturados, dentre eles machados de rocha, assim como adornos de pedras-verdes, usados como moeda na negociação de casamentos entre os nobres.

Em Marajó, o Começo

Os primeiros cacicados amazônicos surgem na ilha de Marajó, onde técnicas de manejo de rios e lagos – com a construção de barragens e viveiros de peixes – buscavam maximizar a pesca em áreas onde inundações periódicas facilitavam a piracema. Como resultado dessas obras, foram construídas gigantescos montes de terra (chamados localmente de tesos), de até 12 metros de altura e 3 hectares em área, para moradia das elites que controlavam os sistemas hidráulicos. Nesses locais, os nobres sepultavam os mortos em belas urnas funerárias, decoradas com emblemas de sua linhagem, produzindo uma das mais sofisticadas artes ceramistas das Américas. Os cacicados marajoaras eram comunidades regionais pequenas (provavelmente de até 2 ou 3 mil habitantes) cuja economia política baseava-se sobretudo na capacidade dos chefes e pajés de garantirem fartura de alimentos e objetos de prestígio obtidos por meio das redes de trocas com outras elites amazônicas. Tendo persistido por cerca de 900 anos, os cacicados marajoaras certamente influenciaram outros desenvolvimentos culturais na região.

Por volta do ano 900 d.C. surgem também cacicados na Amazônia central, onde grandes sítios de terra preta aparecem associados a lagos e a impressionantes quantidades de cerâmica decorada, por vezes utilizada na construção de montículos. Em sua constituição, tais montículos, estudados por Juliana Salles Machado, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, apresentam terra preta e grandes quantidades de cerâmica fragmentada, partes de pratos, vasos e objetos produzidos para festas e sepultamentos. As pesquisas realizadas por Eduardo Neves e seus alunos da Universidade de São Paulo, na área de Manaus, têm proporcionado muitos dados interessantes para a compreensão do desenvolvimento de complexidade social na região. Luiz Fernando Lima supõe que havia

Os cacicados da Amazônia central surgiram por volta de 900 d.C. Nas áreas ocupadas, grandes sítios de terras pretas aparecem associados a lagos e a quantidades impressionantes de cerâmica, por vezes utilizadas nas construções de montículos. Nessas estruturas são encontrados fragmentos de cerâmica em profusão: partes de pratos, de vasos e de objetos produzidos para festas e sepultamentos

12

Os geoglifos são estruturas geométricas de terra, desenhadas por trincheiras escavadas no solo argiloso de vasta região, que vai da fronteira da Bolívia até a várzea amazônica. Essas construções só se tornam visíveis do alto, por causa de suas grandes dimensões.

Cerca de 150 geoglifos foram encontrados por pesquisadores brasileiros, tendo a forma de círculos ou de retângulos perfeitos



© CHARLES MANN

uma simbiose econômica entre as populações de sítios localizados em terraços nas várzeas e aqueles de terra firme. Além disso, valas defensivas estudadas por Patrícia Donatti, no sítio Açutuba e Lago Grande, assim como montículos, estruturas habitacionais, contextos funerários e currais de tartarugas encontrados nos sítios do lago do Limão, por Cláide Morais, mostram que as construções de terra são a tônica da época.

É possível que a subsistência nos locais pesquisados fosse altamente dependente de peixes, tendo em vista a piscosidade de tais lagos, situados em áreas de várzea. Ao longo do rio Trombetas, o desenvolvimento de complexidade social também parece estar relacionado à pesca intensiva, uma vez que extensos sítios de terra preta, contendo cerâmica ritual, são encontrados nas altas barrancas que circundam lagos que se conectam sazonalmente com o rio.

O domínio dos Tapajós na área onde é hoje a cidade de Santarém, na embocadura do rio Tapajós, foi descrito pelo padre Betendorf, em 1661, com riqueza de detalhes. Sabe-se que era uma sociedade estratificada, que possuía escravos e contava com abundância de alimentos. Os principais vestígios encontrados hoje na cidade de Santarém, no bairro Aldeia e na região do porto, atualmente sendo pesquisada por Anna Roosevelt e colegas da Universidade Federal do Pará, são fragmentos de cerâmica, material lítico, urnas funerárias contendo cinzas e ossos em decomposição, e bolsões rituais contendo cerâmica

fragmentada e restos de alimentação. A cerâmica inciso-ponteadada cerimonial, típica da região, foi datada entre 1200 e 1400 anos d.C.

No alto Xingu, construções de terra, estudadas pelo arqueólogo americano Michael Heckenberger, aparecem entre 1200 e 1600 d.C. na forma de trincheiras construídas em torno de aldeias, compondo um sistema de fortificações. Aparecem ainda montículos lineares, construídos às margens de estradas e praças circulares, e também reservatórios, barragens, canais e estradas que conectam assentamentos, criando uma verdadeira paisagem urbana. Outras construções ainda mais notáveis se encontram na Bolívia e no Acre (*ver boxe "Paisagens construídas"*).

No Amapá, os vestígios arqueológicos encontrados indicam a presença de pelo menos quatro diferentes culturas a partir do século 11, estendendo-se até a chegada dos europeus. Em geral, os sítios são associados com sepultamentos em urnas funerárias. Em alguns locais, as urnas enterradas são cobertas por lâminas de rocha, grandes e pesadas, e o local é circundado por grandes blocos de rocha verticais dispostos em círculo, com possível significado astronômico, conforme descobriram os arqueólogos Mariana Cabral e João Saldanha. Na região de Maracá, urnas funerárias antropomorfas, representando homens e mulheres sentados sobre banquinhos, contendo ossos e oferendas, são encontradas dentro de grutas estudadas pela arqueóloga Vera Guapindaia.

PAISAGENS CONSTRUÍDAS

Na Amazônia boliviana, pesquisas realizadas pelo arqueólogo americano Clark Erickson, em Llanos de Mojos, há 30 anos, têm revelado uma impressionante paisagem construída, composta de campos elevados para agricultura e canais em zigzague, para a criação de peixes, com lagos e reservatórios.

Na porção ocidental da Amazônia, no estado do Acre, sociedades regionais surgiram por volta do século 10. Os sítios encontrados sobre uma imensa região, que vai das proximidades da fronteira com a Bolívia – sobre altitudes de 100 a 200 metros – até a várzea amazônica, na confluência dos rios Acre e Purus, estendendo-se a leste sobre a Bolívia e atingindo o oeste de Rondônia, são estruturas de terra geométricas, desenhadas por trincheiras escavadas no solo argiloso da re-

gião. Descobertas pelo geógrafo Alceu Ranzi, e chamadas de geoglifos por causa da precisão das construções e de suas grandes dimensões, que os tornam visíveis somente do alto (diâmetros vão de 70 a 380 metros), parecem ter sido aldeias fortificadas, locais de encontro, de realização de cerimônias ou ainda centros de intercâmbio.

Por enquanto, cerca de 150 dessas estruturas foram encontradas por pesquisadores brasileiros das Universidades Federais do Pará e do Acre, a maioria delas na forma de círculos ou retângulos perfeitos, havendo também figuras com vários lados ou ainda compostas de mais de uma forma geométrica. Ao que parece, um mesmo tipo de comportamento e significados simbólicos acompanhavam todas essas construções, o que sugere a disseminação de uma mesma cultura.

A Amazônia em 1491

Em 1491, as sociedades amazônicas estavam em pleno desenvolvimento. No Marajó, o colapso das sociedades marajoaras, por causas ainda não totalmente compreendidas, por volta de 1350 d.C. acontece ao mesmo tempo em que grupos aruaque, vindos do norte, começam a penetrar a ilha. A expansão aruaque já havia alcançado a periferia amazônica, partes dos rios Amazonas, Negro, Solimões e Madeira, alcançando também as Antilhas, e dominando boa parte do norte da América do Sul e Caribe à época da conquista. Grupos tupis-guaranis, cuja origem mais provável é Rondônia, já se encontravam na costa leste brasileira de norte a sul. Na bacia Amazônica, as chefaturas complexas se expandiam, sustentando longas redes de trocas que conectavam a região em todas as direções, proporcionando, juntamente com o fluxo de bens de prestígio e mercadorias, o intercâmbio de tecnologias e idéias.

Foram essas sociedades dinâmicas, com sofisticado domínio sobre os mais diversos ecossistemas, que foram encontradas pelos conquistadores europeus no século 16. Em nenhuma outra parte do país o desenvolvimento de instituições sociopolíticas complexas tinha chegado tão longe. Não cabe aqui especular se os cacicados amazônicos teriam se tornado estados expansionistas como o império Inca. Mas estavam, certamente, mais próximo de sê-lo do que do quadro de idílicas tribos de floresta tropical

que continuam a influenciar nosso imaginário.

A lenda das Amazonas nos traz imagens de um mundo de mistérios e seres fantásticos: mulheres de um só seio, extirpado para manusear o arco e a flecha, carregando meninas geradas por pais estrangeiros que depois eram mortos, ou expulsos, ou devolvidos às suas aldeias de origem. É possível que frei Carvajal tenha visto um grupo de homens seminus e de cabelos longos, e que a cobiça pelo ouro e as riquezas que acreditavam estar em locais recônditos da mata os estimulasse a aceitar histórias mal traduzidas como verdadeiras. Para além das lendas e mitos, sejam eles produzidos por leigos ou cientistas, existe o registro arqueológico. É uma vez que as sociedades amazônicas não deixaram testemunhos escritos, e muito menos foram registradas por observadores em 1491, um ano antes de Colombo chegar à América e iniciar uma era de grandes transformações nas sociedades ameríndias, a única forma de estudá-las é através da arqueologia.

A AUTORA DENISE PAHL SCHAAN é arqueóloga, professora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará e pesquisadora do CNPq. Possui graduação em história, mestrado em arqueologia e doutorado em antropologia social (Universidade de Pittsburgh, EUA, 2004). Atualmente é vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, coordenadora do Curso de Especialização em Arqueologia, e presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Publicou *A linguagem icnográfica da cerâmica marajoara* (1997) e *Arqueologia da Amazônia ocidental: os geoglifos do Acre* (2008).

PARA CONHECER MAIS

Os índios antes do Brasil.
Carlos Fausto. Jorge Zahar, 2000.

Os filhos da serpente: rito, mito e subsistência nos cacicados da ilha de Marajó.
Denise Schaan. *Inter J. South American Archaeology* 1: 50-56, 2007. Disponível em: www.ijsa.syllabapress.com.

O povo das águas. Ensaios de etno-história amazônica.
Antonio Porro. Vozes, 1996.

Geoglifos da Amazônia ocidental: evidência de complexidade social entre povos da terra firme.
Denise Schaan, Martti Pärssinen, Alceu Ranzi e Jacó Piccoli. *Revista de Arqueologia* 20: 67-82, 2007. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ra/article/viewFile/1681/1323>.

História dos índios no Brasil.
Manuela Carneiro da Cunha. Cia. das Letras, 1992.